

UNIVERSO *BODYBUILDER* – O PÚBLICO FEMININO EM FORTALEZA

Luxury market - Indicators that favor of luxury in Brazil

Filgueiras, Araguacy Paixão Almeida; Dra. Universidade Federal do Ceará
aradesign@uol.com.br¹

Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; Dra. Universidade Federal do Ceará
franciscarnmendes@gmail.com²

Melo, Jennifer de Sousa; Universidade Federal do Ceará;
jennifersmeloo@gmail.com³

Resumo: A busca por um corpo bem musculoso sempre esteve presente nas metas de uma parcela considerável dos homens praticantes de atividade física, esses números aumentaram e atingiram o público feminino. Esse trabalho objetiva investigar mulheres de Fortaleza/CE que têm buscado, nas atividades físicas, remodelar o seu corpo, para o estilo bodybuilder. Pesquisa bibliográfica e aplicação de entrevistas nos permitiram concluir que é crescente o número de mulheres que têm buscado realizar modificações no corpo através do fisiculturismo

Palavras chave: Corpo feminino. Fisiculturismo. *Bodybuilding*.

Abstract: The search for a well-muscled body has always been present in the goals of a considerable portion of men practicing physical activity these numbers have increased and reached the female audience. This work aims to investigate women from Fortaleza/CE who have sought, in physical activities, to reshape their body, to the bodybuilder style. Bibliographical research and the application of interviews have allowed us to conclude that the number of women who have sought to make changes in the body through bodybuilding is increasing.

Keywords: Market of luxury; Luxury marcs; Consumer of luxury.

Introdução

¹ Doutora em Engenharia Têxtil – Gestão e design (Universidade do Minho-PT, 2008); Mestre em Economia Rural (UFC, 2005); Especialista em engenharia Têxtil (UFC, 2002) Professora Associada I do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará; pesquisadora na área de conhecimento Tecnologia Têxtil e de Confecção, Ergonomia e Projeto de Moda.

² Doutora (2009) e Mestre (2004) em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia D.Aureliano Matos-FAFIDAM/UECE (2000). Membro do Laboratório de Estudos da Oralidade-LEO (UFC). Professora Adjunto II do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, também é tutora do Programa PET Moda UFC.

³ Bolsista no curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará.

Muitas vezes o corpo humano é visto como uma simples matéria composta por órgãos, tecidos, músculos e sistemas que trabalham a todo o momento para manter o indivíduo vivo. Entretanto, a definição de corpo vai muito além do que se possa imaginar. O corpo possui diversos signos, transmite diferentes linguagens que, durante toda a história da humanidade, esteve presente definindo culturas, pensamentos, comportamentos e modas.

No decorrer da história do corpo feminino podemos observar que as formas de valorização de diferentes partes do mesmo ajudaram na definição de padrões estéticos de diferentes épocas e que podem ser vistos até hoje.

Com o aumento da busca por melhora na qualidade de vida, saúde e, conseqüentemente, aumento nas taxas de longevidade, a população tem buscado e se inserido no mercado *fitness* sob os vários segmentos, seja o alimentício, suplementar e de atividades físicas.

Diante de todo esse fato a palavra *bodybuilder* que significa fisiculturista em inglês, virou expressão comum entre os frequentadores de academias e que possuem um estilo de vida considerado saudável.

A busca por um corpo bem musculoso sempre esteve presente nas metas de uma parcela considerável dos homens praticantes de atividade física, principalmente musculação, e pode-se dizer que, com a moda do *healthy lifestyle*, esses números aumentaram e atingiram o público feminino.

É nesse contexto que procuramos investigar mulheres que buscam modificar seus corpos através de atividades físicas na cidade de Fortaleza/CE, cujo objetivo é identificar e discutir como mulheres passaram a buscar um corpo musculoso na cidade de Fortaleza/CE

A pesquisa utilizada é de cunho qualitativo, pois foram feitas entrevistas com mulheres que possuem esse estilo de vida, ou seja, frequentam regularmente academia, possuem grande cuidado com o corpo e que, também, visam ao *bodybuilder*. Foram utilizados também estudos bibliográficos e pesquisa documental em perfis de blogueiras e/ou musas *fitness* que são de grande influência.

O ingresso do público feminino no universo *bodybuilder*

A temática do corpo já foi estudada por diversos autores e com diferentes problemáticas, por exemplo, Goldenberg (2007) com seus estudos antropológicos sobre como o corpo é valorizado pelos cariocas; Castilho (2008; 2004) e suas pesquisas sobre a linguagem do corpo e sua relação com a moda; e Sabino (2004) e sua análise a respeito dos corpos dos fisiculturistas. É possível encontrar estudos sobre o corpo construído no âmbito das academias e como isso influencia na criação de um padrão estético vigente como, por exemplo, Leão (2015) e Sabino (2004), mas nesses estudos encontramos uma aproximação com a antropologia e/ou educação física. Por isso, nesse trabalho, o corpo que será estudado é, especificamente, o feminino e como tem crescido essa busca pelo corpo mais musculoso e completamente diferente do “padrão” aceito na moda.

Ao longo do tempo é possível identificar mulheres que já possuíam esse interesse pelo corpo mais musculoso, sendo que eram uma minoria e que faziam disso seu trabalho, pois eram atletas e competiam em campeonatos de fisiculturismo. Segundo Lessa (2012, p.215), “O fisiculturismo, também denominado de culturismo ou *bodybuilding* feminino teve início oficialmente nos anos setenta quando as mulheres passam a participar em competições organizadas pelas federações.”. Sendo que atualmente, com a crescente preocupação com a saúde, mulheres não atletas passaram a desejar esse tipo de corpo, algumas com o desejo de um corpo mais encorpado e musculoso e outras com o anseio de um corpo não tão parecido com o das atletas. Atualmente podemos observar que a mulher passou a buscar um corpo mais musculoso e até mesmo passou a competir em campeonatos de fisiculturismo.

De acordo com Leão (2015) os campeonatos de fisiculturismo feminino, a nível mundial, iniciaram por volta dos anos 1970, ou seja, mais tardio se comparado com o masculino, mas só passou a ter premiações, visibilidade e patrocinadores a partir da década de 1980. Segundo a autora nas primeiras competições, que foram o Miss *Physique* e o Miss Americana, as mulheres trajavam biquínis e ainda não eram julgadas com base na quantidade de músculos desenvolvidos que possuíam, esse quadro mudou na competição *U.S. Women’s National Physique Championship* que ocorreu no ano de 1978.

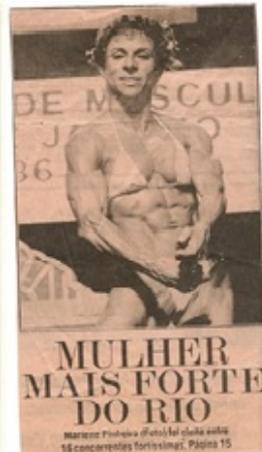
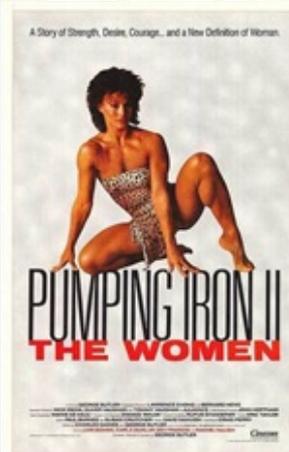
Leão (2015) também afirma que o Ms. Olympia fez com que o nível de dedicação, por parte das mulheres, aumentasse, assim como houve uma evolução nos treinamentos com pesos para o público feminino. Rachel McIish (Figura 1) foi uma das competidoras da época que mais se destacou, chegando a ganhar seis vezes o título feminino na competição.

Conforme a autora alguns fatores ajudaram na divulgação do *bodybuilder* feminino para o restante do mundo como, por exemplo, ensaios de atletas para a revista *Playboy* e o filme *Pumping Iron II: The Women* (Figura 1) que foi lançado no ano de 1985 e que retratava como acontecia o processo de preparação das atletas para as competições.

No Brasil, o fisiculturismo chegou por volta dos anos 1980 e, de acordo com Elias (1993, apud. LEÃO, 2015, p.12): “o fisiculturismo feminino surgiu no cenário esportivo, devido à presença das mulheres nas academias de musculação, espaço até então de predomínio masculino”. Leão (2015) afirma que o primeiro campeonato de fisiculturismo da categoria feminina aconteceu no ano de 1984, na cidade do Rio de Janeiro, e por ser o primeiro não tinha uma divisão de grupos como existe atualmente e segundo a autora: “as primeiras mulheres que competiram apresentavam volume muscular e definição, dentro de uma categoria que posteriormente seria extinta, a categoria *Bodybuilding* feminina” (LEÃO, 2015, p. 12).

A vencedora desse campeonato foi a atleta Marlene Pinheiro Faria (Figura 1), a qual é considerada a primeira campeã de fisiculturismo do país. Conforme a autora, Marlene além de ter ganhado esse título, participou de um campeonato no ano de 1986 em que venceu na categoria feminina e também no “overall” (total), que consistia em uma competição mista, ou seja, homens e mulheres estavam competindo de igual para igual, e isso fez com que a campeã fosse reconhecida com a primeira e única mulher que superou um homem nesse esporte.

Figura 1 – Rachel McIish, Filme *Pumping Iron II: The Women* e Marlene Pinheiro Faria, a primeira campeã de fisiculturismo do Brasil



Fonte⁴

Muitas pessoas acreditam que a mulher que está inserida no contexto *bodybuilder* e que é atleta, perde sua feminilidade por ter o corpo mais musculoso e fora do que é chamado “comum”, porém Estevão e Bagrichevsky (2002) atestam que essas mulheres se sentem femininas sim e que elas transferem essas qualidades para outros aspectos como, por exemplo, maquiagens, acessórios, modo de andar, vestuário e até mesmo com o uso de procedimentos cirúrgicos como implantação de próteses de silicone, principalmente nos seios. Os autores reforçam que mesmo que confirmem que o modo de andar as deixa mais femininas, essa atividade torna-se um tanto quanto comprometida.

Quando utilizam o termo ‘ginga’, estão se referindo ao andar da mulher brasileira, que movimenta sensualmente os quadris para os lados, o que popularmente é conhecido como rebolado. Nessa perspectiva, já reside significativa contradição, pois se há algo que definitivamente vai se perdendo nelas, devido a herança deixada pelos anos dedicados à prática do fisiculturismo, é essa ginga feminina. Não é incomum vê-las ao andar, abrindo os braços e movimentando-os bem pouco, tal como fazem os homens, quase parecendo robôs: “Entre a multidão de passantes, os *body-builders* destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O *bodybuilder* não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente” (COURTINE, 1995:p.82 citado por ESTEVÃO; BRAGRICHEVSKY, 2002, p. 09).

⁴ <http://leroycolbert.com/photos.asp> Acesso em 19 jun. 2017 <http://www.rogerebert.com/reviews/pumping-iron-ii-the-women-1985> Acesso em 19 jun. 2017 <https://doctorbody.wordpress.com/a-historia-do-fisiculturismo-feminino-e-doctorbody/> Acesso em 19 jun. 2017

Os autores afirmam que esse desejo feminino em ter um corpo belo, construído dentro do ambiente de uma academia, independentemente de ser um corpo muito musculoso ou mais magro, ocorre devido à vontade de ficar equivalente ao das *top models* e dentro das alternativas que auxiliam nesse processo o que se torna mais viável e aconselhado pela mídia são as atividades físicas como musculação, exercícios aeróbicos, entre outros.

Há alguns caminhos para que tais objetivos sejam alcançados. É possível atingi-los sim, porém os meios não estão disponíveis para qualquer mortal. Nascer como a modelo número um do mundo seria uma das saídas, mas isso não acontece com frequência e se dá ao acaso. Assim, a medicina dispõe, *para quem pode pagar*, das mais modernas técnicas de cirurgia plástica. Por outro lado, a mídia também sugere que se pode 'construir' um corpo desses, 'malhando' nas aulas de ginástica, gastando horas pedalando numa bicicleta ergométrica, correndo na esteira elétrica ou queimando as energias num *step* (máquina que simula a subida dos degraus da escada). Ainda como complemento dessas atividades físicas é possível praticar mais algumas horas de musculação, não esquecendo a dieta que, em quase todos os casos, é bastante restritiva em relação ao consumo de calorias por dia. Nesse contexto cheio de promessas, cada indivíduo gesta seu próprio corpo. A obtenção de um padrão de beleza, consensualmente aceito, parece assegurar o segredo da felicidade eterna. As estratégias e técnicas de culto ao corpo se evidenciam mais a partir de um determinado período (ESTEVÃO; BRAGRICHEVSKY, 2002, p. 02).

Para entender como essas mulheres que cuidam de seus corpos estão diariamente na academia, seguem uma rotina de exercícios e alimentação saudável, o que fazem para manter esse estilo de vida, como tiveram a vontade de ingressar nesse universo que é visto como um dos padrões de beleza da atualidade, fomos a campo para conhecê-las e conversar com elas.

O ingresso do público feminino no universo *bodybuilder* em Fortaleza

Observamos que o *bodybuilder* feminino é presente na cidade de Fortaleza a partir de depoimentos de entrevistadas durante o processo de pesquisa de campo, a qual foi realizada com mulheres, com faixa etária de 20 a 33 anos, que frequentam regularmente academias. Dentre as entrevistadas

estão mulheres que são atletas fisiculturistas como também as que querem um corpo mais musculoso, mas que não buscam competir.

A entrevista foi realizada pessoalmente tendo o questionário estruturado para melhor orientar o momento de pesquisa de campo. Dividido em dois tópicos principais que são o perfil do entrevistado, o questionário possui oito perguntas e elas são compostas por dados pessoais, nível de escolaridade, academia que frequenta, tempo que treina, se possui acompanhamento nutricional e de *personal trainer*. O outro tópico é formado pelas questões específicas da pesquisa e contém nove perguntas, as quais são relacionadas ao estilo de vida do entrevistado e que serão discutidas e listadas no decorrer do capítulo. O objetivo específico do questionário é observar como essa busca por um corpo mais musculoso começou a atingir o público feminino.

Nesta etapa foram realizadas entrevistas com Fernanda Andreza Nascimento de Souza, Viviane Araújo de Medeiros e Megan Torres Pinheiro.

Fernanda Andreza Nascimento de Souza tem 20 anos de idade, reside no Bairro Jacarecanga; é estudante do curso de Educação Física, frequenta a academia Hércules Gym, treina há quatro anos, possui acompanhamento nutricional e de *personal trainer* também há quatro anos e é atleta fisiculturista há três. A outra entrevistada, Viviane Araújo de Medeiros, tem 33 anos de idade, reside no Bairro Montese; é empresária e estudante do curso de Educação Física, frequenta a academia Clube Podium de Musculação, treina há 15 anos, possui acompanhamento nutricional e de *personal trainer* somente há dois, e atualmente não é mais atleta. Por fim, Megan Torres Pinheiro, 27 anos, residente no Sabiaguaba; graduada em Educação Física, com especialização em treinamento desportivo e também estudante do curso de Nutrição; frequenta e trabalha como professora na academia Smart Fit, treina há mais de cinco anos, recebe acompanhamento nutricional há cinco e não possui acompanhamento de *personal trainer*.

A seguir, as respostas às perguntas realizadas com as entrevistadas.

1. Como surgiu seu interesse pelo mundo *fitness*?

Pode ser observado entre as entrevistadas que o maior motivo desse interesse em começar a frequentar academias surgiu do fato de elas serem

muito magras e até mesmo sofrer *bullying* por conta do corpo que tinham e viram na musculação uma forma de aumentar a massa muscular e, conseqüentemente, ter o corpo mais volumoso.

Eu era muito magra e sofria muito *bullying* e então eu comecei a praticar musculação para poder aumentar a massa muscular, e aí comecei a gostar desse esporte [o fisiculturismo] justamente porque eu fazia musculação, e a musculação é o mundo do fisiculturismo, e já vai fazer quatro anos que eu comecei a competir (Viviane Araújo de Medeiros. Entrevistada em 17 de novembro de 2016).

Já a entrevistada Megan, afirmou que seu interesse surgiu por se inspirar em dançarinas de grupos musicais.

Há anos atrás (sic) quando eu assistia na televisão as dançarinas de grupos de axé, foi minha maior inspiração para iniciar no meio (Megan Torres Pinheiro. Entrevistada em 09 de junho de 2017).

2. Você teve apoio das pessoas próximas a você quando decidiu ter esse estilo de vida?

Dentre as entrevistas foi possível perceber que algumas tiveram apoio dos familiares e amigos, já outras não. A entrevistada Fernanda Andreza, por exemplo, sempre teve apoio, principalmente, de sua mãe que foi a pessoa que lhe incentivou a entrar na academia e atualmente, toda sua família e esposo lhe apoiam bastante.

Quando eu entrei na academia foi por incentivo da minha mãe, porque ela tava precisando ter um acompanhamento também por motivos de saúde e ela sempre me apoiou. Então partindo dela, toda minha família também me apoiou e agora o meu esposo ajuda mais ainda por ser da área (Fernanda Andreza Nascimento de Souza. Entrevistada em 15 de outubro de 2016).

Já a entrevistada Viviane Araújo não recebeu o mesmo apoio da família por conta do que os atletas fazem para conseguir resultados mais satisfatórios, como por exemplo, o uso de anabolizantes.

A família nunca apoia não! Porque a gente sofre muito, a família nunca acha bom, nunca acompanha em nada, isso porque eles veem o sofrimento da gente de perto né?! A dieta, de ter que tomar, muitas

vezes, anabolizante. Anabolizante é droga e a família não aceita. Até porque é uma profissão muito desvalorizada aqui no Brasil, a pessoa não recebe dinheiro e gasta muito (Viviane Araújo de Medeiros. Entrevistada em 17 de novembro de 2016).

Durante a entrevista com a Viviane Araújo, parte de sua família estava presente e falou o motivo de não apoiá-la nessa decisão e sua carreira de fisiculturista. Os familiares argumentam que era muito ruim vê-la perdendo um pouco de sua saúde por conta dos anabolizantes, dieta extremamente restrita e não ter nenhum retorno financeiro.

3. Quais foram e são as suas maiores dificuldades?

Dentre as opções listadas no questionário, a alimentação foi a maior dificuldade encontrada dentre as entrevistadas. Logo após estão o aspecto financeiro, treino e aceitação social. Elas apontaram que a alimentação torna-se mais difícil por conta da restrição de alimentos, às vezes em que a pessoa fica com vontade de comer algo e tem que se privar por conta daquele objetivo almejado. Esse fato induz à questão financeira devido ao alto valor desses alimentos principalmente dos suplementos alimentares.

Durante esses quatro anos, o que eu mais tive dificuldade e tenho atualmente também é manter a dieta, que no dia a dia é complicado. Incluindo nessa questão de alimentação, dieta, entra a questão financeira porque não é nada barato, a gente gasta muito com dieta porque gente que não faz dieta, qualquer coisa a gente pode comer, algo barato e poder burlar a refeição, mas quando a gente faz dieta não, tem que manter o foco. Outra coisa também são problemas crônicos, no caso uma lesão no joelho, que dependendo da intensidade dos treinos isso pode atrapalhar um pouco. [...] a questão do treino mesmo, que você tem que superar seus limites. E por um lado a sua vida social também meio que acaba, farra, festa e tal, tem que tirar da rotina. [...] E também a gente nunca tá satisfeito, a gente sempre quer mais e se superar a cada dia (Fernanda Andreza Nascimento de Souza. Entrevistada em 15 de outubro de 2016).

Outra grande dificuldade apontada pelas mulheres foi o preconceito que elas enfrentam por conta da estrutura de seus corpos.

A gente tem muito é preconceito das pessoas e por incrível que pareça esse preconceito maior vem de outra mulher. Porque quando a gente tá preparada pra competir fica parecendo um homem, fica com aquele rosto chupado, ombros muito marcados, com a barriga muito marcada, aí outras mulheres têm mais preconceito do que os

próprios homens. [...] Tem muito preconceito contra a mulher que faz musculação, por exemplo, a Gracyanne Barbosa, ela sofre muito preconceito por conta do corpo que ela escolheu ter (Viviane Araújo de Medeiros. Entrevistada em 17 de novembro de 2016).

4. Você tem alguma inspiração? Acompanha musas *fitness* ou blogueiras *fitness*? Se sim, quais? Por quê?

Durante as entrevistas várias musas *fitness* brasileiras e estrangeiras foram citadas dentre elas estão Aline Barreto, Angela Borges, Gracyanne Barbosa, Dana Linn Bailey, Larissa Araújo. E o maior motivo desse acompanhamento é a inspiração no estilo de vida que elas possuem e motivação para continuarem em busca de seus objetivos.

Quando dá vontade de você parar, você olha para elas e vê que elas não param, não param nunca (Viviane Araújo de Medeiros. Entrevistada em 17 de novembro de 2016).

De acordo com a entrevistada Megan esse acompanhamento vai além de buscar simplesmente a inspiração, ela busca entender como elas fazem para se manter nesse estilo de vida que se torna muitas vezes difícil de manter.

Acompanho porque me ajuda a manter motivação nos treinos e a entender o estilo de vida delas para manter sua forma física (Megan Torres Pinheiro. Entrevistada em 09 de junho de 2017).

5. Com qual desses corpos você se identifica?

Dentre as imagens (Gracyanne Barbosa, Camila Guper, Evelyn Regly e Juliana Salimeni) a opção escolhida pelas entrevistadas, em unanimidade, foi a referente ao corpo da Juliana Salimeni (Figura 2).

Figura 2 – Juliana Salimeni



Fonte: <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2016/07/de-vestidinho-juju-salimenei-exibe-bumbum-na-nuca.html> Acesso em 19 jun. 2017

Ela é mais feminina, tem músculo, mas é mais feminina. É justamente o corpo da *Wellness*, quando eu tô preparada pra competir meu corpo fica desse jeito. E é o corpo que toda mulher quer (Viviane Araújo de Medeiros. Entrevistada em 17 de novembro de 2016).

6. Tem alguma (s) parte (s) do corpo que você dá maior importância no treinamento? Por quê?

Dentre as respostas, em unanimidade, as entrevistadas relataram sobre a ênfase no treinamento de membros inferiores, pernas, glúteos e panturrilhas, mas sem deixar de lado os superiores.

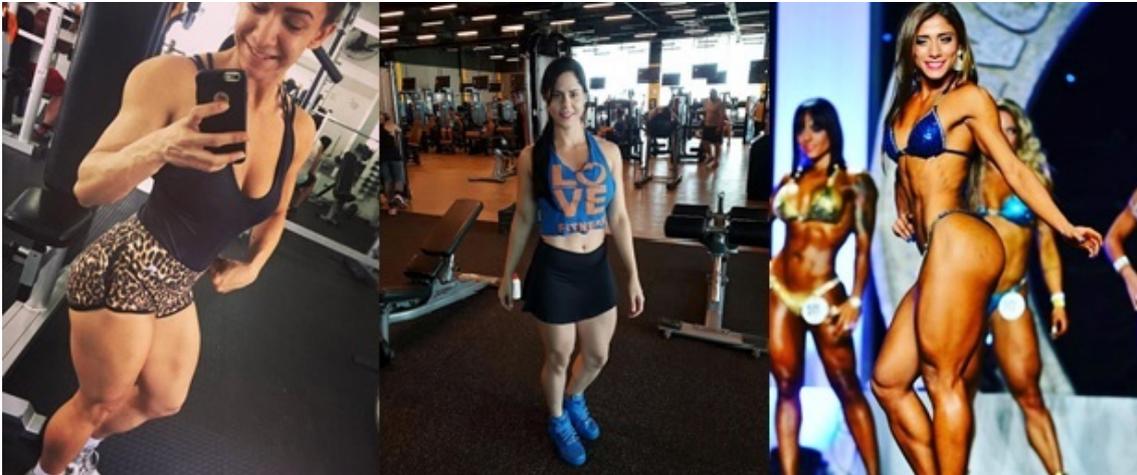
Um pouquinho a mais para o treino de pernas, porém não deixo de treinar o resto do corpo, como por exemplo, toda a parte superior (Megan Torres Pinheiro. Entrevistada em 09 de junho de 2017).

Já a entrevistada Fernanda Andreza afirma que, atualmente, o treinamento de membros superiores tem sido seu maior foco, principalmente, para que haja maior simetria corporal visando às competições de fisiculturismo nas quais participa.

Atualmente dou mais importância à parte superior do meu corpo, como: deltoides, tríceps, latíssimo do dorso, etc.. Por dois motivos, é algo que acho bonito em mulheres, musculatura superior com volume e definição, e o outro motivo é para adquirir simetria com a parte inferior do meu corpo, focando para as competições de fisiculturismo (Fernanda Andreza Nascimento de Souza. Entrevistada em 15 de outubro de 2016).

As entrevistadas podem ser visualizadas nas Figuras 3, cujas imagens⁵ apresentam “o melhor ângulo” sob o ponto de vista das mesmas.

Figura 3: Fisiculturistas entrevistadas – Fernanda Souza, Megan Torres e Viviane Araújo



Fonte: Imagens cedidas e disponíveis nas mídias sociais (autorização de imagem pela entrevistada) Acesso em 25 jun. 2017

7. Atualmente as pessoas estão buscando cuidar mais do corpo e da saúde e, conseqüentemente, o corpo *bodybuilder* está se tornando um dos novos padrões de beleza vigentes. Você se sentiu influenciada por esse fenômeno? Você acha que ter um corpo mais musculoso é algo da moda?

Por serem atletas e treinarem já há algum bom tempo, elas não se sentiram influenciadas por esse fenômeno denominado por uma entrevistada como “modinha”. Mas de acordo com seus pontos de vista, esses maiores cuidados com a alimentação e com a estética do corpo são fenômenos da moda.

Não por conta de moda, porque quando iniciei não conhecia nada e nem tinha ouvido falar. Quem me apresentou mesmo foi minha antiga treinadora, então a partir do momento que eu fui competir, que eu estive lá em cima do palco, senti a emoção de tá lá, aquele nervosismo, frio na barriga, foi que eu procurei saber mais, mas no tempo que eu iniciei não tinha tanto. Tem agora no momento. Agora já tá mais divulgado, com melhores premiações, mas no tempo o

⁵ As referidas imagens estão expostas nas mídias sociais e o uso delas foi autorizado pelas entrevistadas por meio do Termo de consentimento (Anexo A).

mundo do fisiculturismo não era tão valorizado, tá sendo aqui no Ceará do ano passado pra cá. [...] Eu acredito que seja algo da moda sim, porque digamos que, por exemplo o *Crossfit*, se você vê uma pessoa com um corpo bonito e ela faz *Crossfit*, você já vai imaginar 'Eu vou fazer *Crossfit* porque aquela fulana tem o corpo bacana', assim como a Zumba que também tá uma febre (Fernanda Andreza Nascimento de Souza. Entrevistada em 15 de outubro de 2016).

Já Megan afirma que se sentiu influenciada e que acredita que ter um corpo "sarado" está na moda.

Sim. Assisto bastante televisão e acho bem atraente o corpo das mulheres musculosas. Acredito que está na moda corpos mais "sarados" e mais musculosos (Megan Torres Pinheiro. Entrevistada em 09 de junho de 2017).

8. Você acredita que as empresas que trabalham com o mercado de moda estão mais atentas ao novo corpo que está sendo "remodelado"? Por quê?

Foi possível perceber uma concordância entre as respostas de que as empresas estão sim com esse olhar mais atento para o mercado fitness, com melhorias na modelagem, maior conforto, como também ampliando sua grade de produtos como, por exemplo, a *Colcci* que está com um novo segmento, o *fitness*, e que será retratado com maiores detalhes no próximo capítulo.

Antes eram só nós mulheres que nos preocupávamos em andar bem vestidas, pra tirar foto, pra postar, fazer o nosso próprio 'merchan' né?! Mas os homens também estão preocupados, por isso eu acredito sim que quem não era dessa área de mercado fitness tá passando a investir nisso porque tá muito em alta (Fernanda Andreza Nascimento de Souza. Entrevistada em 15 de outubro de 2016).

9. Quais marcas você mais consome? Por quê?

Dentre as marcas citadas estão Nike, Adidas, Fill Sete, Sawary, porque elas possuem conforto, modelagens que valorizam o corpo e que possuem um bom caimento. Também foram citadas as marcas comercializadas pelas lojas Renner e Riachuelo.

Corpo Malhado, Gata Enxerida, Fill Sete, Planet Girl. Uso porque acho que me vestem bem e valorizam meu corpo, mas uso marcas

populares também como, C&A, Marisa, Renner e Riachuelo (Megan Torres Pinheiro. Entrevistada em 09 de junho de 2017).

Observa-se, ao longo das respostas, que as entrevistadas apresentam referências e comportamentos semelhantes, tanto delas quanto do meio em que vivem, relacionando a sua prática e as suas relações cotidianas. Convém relatar que, embora seja um estilo de vida e de comportamento em crescimento, limitamos as respondentes porque as respostas foram bem semelhantes e os resultados apareceriam muito repetitivos.

De acordo com as falas o preconceito é latente, sobretudo relativo ao uso de anabolizantes indiscriminadamente. A ANVISA limita e controla a comercialização, mas algumas pessoas do meio burlam a legislação e, em contato com pessoas interessadas, tais como praticantes de atividade física ávidos por resultados mais rápidos na aparência corporal, *personal trainers* e empresários que realizam transações comerciais nesse âmbito.

Outro fator que facilita a prática ilegal é a importação camuflada de países que não têm restrição ou fiscalização para esse tipo de comércio e produto.

Outros aspectos podem ser considerados quando investigamos esse grupo de adeptas ao estilo *bodybuilder*. De acordo com as entrevistadas manter esse estilo de vida mais saudável ainda é algo com um custo mais elevado, levando em consideração os investimentos em academia, alimentação, suplementação e vestuário, já que são artigos mais específicos e para um grupo, embora crescente, mas mais específico também. No que diz respeito ao vestuário, muitas afirmaram que perceberam mudança nas modelagens e as marcas, não somente as mais caras como também as mais populares e/ou de departamento, passaram a investir em peças para esse novo grupo de mulheres com corpos diferenciados.

Considerações finais

Podemos perceber que o *Healthy Lifestyle* se tornou uma janela de oportunidade para as empresas que desejam uma reformulação planejada e buscam alcance de novos públicos.

A partir das pesquisas foi possível perceber que essa busca por um corpo definido tem realmente se somado aos novos objetivos de corpo feminino, o seu remodelamento, como também se enquadrado como uma nova estética de padrão de beleza, porém, ainda há muito preconceito, principalmente quando refere-se às mulheres que são fisiculturistas e participam de campeonatos dessa categoria.

Outro ponto que concluímos é que com o aumento de adeptos do estilo *bodybuilder* o mercado *fitness* está crescendo e, conseqüentemente, a movimentação na economia de maneira expressiva, especialmente o brasileiro já que o país é um dos maiores em número de consumidores de produtos e serviços desse segmento.

Referências

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CASTILHO, Kathia. OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

ESTEVÃO, Adriana; BAGRICHEVSKY, Marcos. ANTÍTESE OU REINVENÇÃO DA FEMINILIDADE? as mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da "malhação". **Motrivivência**, n. 19, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEÃO, Cíntia Vianna. **Pioneiras do fisiculturismo no Rio Grande do Sul: fatores motivacionais para adesão ao treino e as competições**. 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/126460> Acesso em 19 jun. 2017.

LESSA, Patricia. **Corpos blindados: A desconstrução de gênero no fisiculturismo feminino**. Maringá, PR: **Revista Ártemis**, 5. ed., 2012.

SABINO, Cesar. **O peso da forma: Cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2004. Tese de doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGSA.

SIBILIA, Paula. **A politização da nudez:** Entre a eficácia reivindicativa e a obscenidade real. Artigo científico para o XXIII Encontro Anual da Compós, **Anais...** Universidade Federal do Pará, 2014.



APOIO



REALIZAÇÃO

